

# INCRÍVEL HISTÓRIA

adaptado da novela de Gabriel García Márquez

A incrível e triste história da cândida Erêndira e de sua avó desalmada

por José Rubens Siqueira

## PERSONAGENS

Blacamán, o bom

Niñaraña

Enviado da vida eterna

Puta 1

Puta 2

Puta 3

Homem 1

Erêndira

Avó

Viúvo

Motorista

Carregador

Carteiro

Homem 2

Fotógrafo

Ulisses

Pai

Soldado 1

Soldado 2

Missionário

Seis freiras

Prefeito

Contrabandista

Missionário 1

Missionário 2

Índio noivo

Índia 1

Índia 2

Menino

Mãe

Índio velho

Maestro

Comandante

Fantasma do pirata

Homens, Índios, Missionários

## *Incrível história*

estreou no Espaço Urbano, em São Paulo,  
e apresentou-se em seguida nos  
SESCs Santo Amaro, Belenzinho e Carmo  
durante o ano de 1999.

Direção, cenário e figurinos José Rubens Siqueira

Coreografia Lúcia Merlino

Trilha sonora Zero Freitas

Iluminação Wagner Freire

com

Ester Góes

Giulia Mendonça

Aury Porto

Daniel Falleiros

Daniel Ortega

Eucir de Souza

Gero Camilo

Luciano Quirino

Marat Descartes

Marcos Damigo

Nando Bolognesi

## PRÓLOGO

### Cena 1

*Cinco índios recebem o público na entrada do teatro e o conduzem para o espaço de representação, passando por um cenário de feira, “ressoando com numerosas músicas indecifráveis e pregões gritados formando um só estrondo de pânico no calor alucinante”.*

*Os cinco índios conduzem os espectadores de modo que não se detenham nas atrações da feira, mas que passem direto pelos vendedores de comidas e lembranças.*

*Passam por Blacamán, o Bom:*

BLACAMÁN - Se me trouxerem uma cobra posso demonstrar na minha própria carne, senhoras e senhores, um antídoto de minha invenção, o único infalível contra picadura de cobra, aranha, escorpião. Este antídoto é a mão de Deus dentro de um vidrinho. E custa só dois tostões porque eu não inventei este remédio pra ter lucro, não, senhoras e senhores. Inventei foi pro bem da humanidade. Vamos lá, quem pediu um aí? Calma, calma, não se amontoem porque tem pra todos. E quem precisar pode contar também com os meus serviços de curador e adivinho. Por dois pesos sossego a malária, por quatro e cinquenta faço cego enxergar de novo, deságüo quem tem gota por dezoito, completo os mutilados por vinte pesos se perderam alguma parte de nascença, por vinte e dois se foi por acidente ou briga, por vinte e cinco se foi por causa de guerra ou terremoto ou alguma outra calamidade pública, atendo doente comum por combinado especial, e louco de acordo com o tema da loucura, criança pela metade do preço, bobo atendo por gratidão, e quero ver quem tem coragem de dizer que não faço filantropia, damas e cavalheiros. A única coisa que não faço é ressuscitar morto, porque na horinha que o morto abre os olhos mata de raiva quem perturbou o seu sossego. Sim senhora, sim senhor, pode acreditar em mim, juro pelos ossos de meu pai que esta prova de hoje não é nada do outro mundo, não. É a mais humilde verdade, e se alguém duvida que me traga uma cobra de verdade que provo o que estou dizendo na minha própria carne.

*Passam pela Niñaraña:*

NIÑARAÑA - ¡Ay! Queria tanto que ninguém me olhasse! Por cinquenta centavos podem me tocar como quiserem, para ver que não é mentira. Por um peso podem me fazer a pergunta que quiserem sobre a minha absurda condição. ¡Ay! Sendo eu ainda quase menina fugi de casa pra ir num baile e quando ia voltando de madrugada pelo bosque, depois de ter bailado a noite inteira sem licença dos meus pais, um trovão pavoroso abriu céu em dois, e do rasgo do céu saiu um relâmpago de enxofre que me transformou nesta tarântula espantosa com cabeça de donzela triste. Sim, senhoras e senhores, porque sou donzela. Quis a sorte madrasta que não fosse o meu destino casar, nem viver enfiada em casa com filhos em roda das pernas lavando, cozinhando e servindo. ¡Ay! Nem em um convento trancada. ¡Ay! Nem no bairro de tolerância, que é quase a mesma coisa. Quis o destino que eu... ¡Ay! Aqui exposta, em aranha transformada por desobedecer meus pais. ¡Ay, sorte madrasta! Não façam o que eu fiz para não ficar como eu fiquei, em aranha transformada por desobedecer aos meus pais. Por cinquenta centavos podem me tocar como quiserem, para ver que não é mentira. Por setenta centavos sua alma caridosa pode comprar as bolinhas de carne moída que são meu único alimento. Por um peso podem me fazer a pergunta que quiserem sobre a minha absurda condição, e eu a tudo responderei para que não tenham nenhuma dúvida da verdade do horror. ¡Ay! Queria tanto que ninguém me olhasse.

*Passam pelo Enviado da vida eterna, já no espaço de representação:*

ENVIADO - Ouçam todos, vós, apátridas, vivedores, traficantes, jogadores, que eis aqui o portador do verbo da vida eterna, amém. E pra mim não é preciso pagar pela verdade, amém, porque a verdade eu lhes dou grátis, amém, aleluia! Eis que em verdade em verdade vos digo que: logo virá o pavoroso morcego sideral pra com seu bafo de enxofre pestilento transformar a ordem de toda a natureza, amém. E ele haverá de arrancar do fundo do mar todos seus mistérios da mesma forma e maneira que haverá de arrancar o mistério e segredo do mais fundo do fundo da alma do homem, amém Jesus, Maria e José, pelos século seculórum amém. Amém vos digo a vós homens e mulheres provenientes dos quatro quadrantes da rosa náutica dos ventos, amém vós que bocejais no pavor desta cidade fragorosa em que cada rua é um cassino público, amém,

cada casa uma taverna, amém, cada porta um esconderijo de proscrito, amém Jesus, aleluia! O que vindes vós buscar aqui?, nesta fronteira que não é só a fronteira do deserto, mas a fronteira entre o céu e o inferno, entre a danação e a salvação, amém. Atentai para essa tenda do demônio, a Grande Besta apocalíptica com sua neta-caverna de vícios de imundície, e essa fila interminável de homens de raças e condições diversas, qual serpente de vértebras humanas a colear por solares e praças, por entre bazares variegados e feiras de mercado tormentosas, amém.

*O público entra no espaço da representação e se acomoda nas cadeiras espalhadas.*

*No centro, uma grande tenda, como um circo.*

*Dentro dela, invisíveis para o público, Erêndira e sua avó.*

*Uma fila interminável de homens espera a vez de entrar na tenda, espalhando-se por um colorido cenário de naufrágio: arcas e baús, cortinas pintadas, bambus, objetos soltos pelo chão, pedaços de estátuas...*

*Suspensas sobre a tenda, faixas de letreiros: ERÉNDIRA ES MEJOR. VAYA Y VUELVA, ERÉNDIRA LO ESPERA. ESTO NO ES VIDA SIN ERÉNDIRA.*

Cena 2

*Entra a Puta 1 com um abanico de palha e olha a fila.*

PUTA 1 - A ver. (*grita*) ¿Qué tiene ésa que no tenemos nosotras?

HOMEM 1 - Uma carta de um senador.

*Gargalhadas da multidão.*

*Atraídas pelo ruído, entram duas outras mulheres.*

PUTA 2 - Faz dias que essa fila está assim.

PUTA 1 - Imagínate, a cincuenta pesos cada uno.

PUTA 3 - Nunca se viu tanta riqueza por este reino de pobres. Chegaram que parecia um desfile de carros de boi, com uma parafernália que até um piano elas têm...

PUTA 2 - E uma vitrola de manivela, dizem.

PUTA 3 - Uma manada de índios levando a carga e uma banda de música anunciando a chegada.

PUTA 1 - Sí, sí, me acuerdo. No hace más de una semana.

- PUTA 3 - E em uma semana já passaram por aquela cama todos os homens da cidade e dos arredores.
- PUTA 2 - Diz que a menina tem de dar pra cinquenta homens por dia.
- PUTA 3 - Setenta.
- PUTA 1 - ¿Pero son dos, no?
- PUTA 2 - A velha e a nova.
- PUTA 3 - A baleia e a ratinha.
- PUTA 1 - ¿Son madre y hija?
- PUTA 2 - Diz que não. São avó e neta.
- PUTA 3 - Mas só a neta que trabalha. Quer dizer, deitada. A velha é que organiza tudo.
- PUTA 1 - ¿Pues eso también es trabajar, no?
- PUTA 2 - Claro. Mas não rala, né.
- PUTA 3 - Dizem que a velha é gorda, mas não tão gorda quanto parece. Que ela parece um monumento porque debaixo da blusa usa um colete cheio de lingotes de ouro.
- PUTA 2 - Pois eu vou ver o que é que essa raquítica tem de ouro.
- PUTA 1 - Yo también.
- PUTA 3 - É. Melhor que ficar aqui esquentando cadeira.

### Cena 3

*As três avançam para a tenda e entram.*

*Um homem é expulso de dentro, nu, escondendo as vergonhas com as roupas na mão.*

*As três putas saem carregando no alto a cama de Erêndira com ela em cima.*

*Os homens as seguem em algazarra.*

*Furiosa, a Avó entra, distribuindo porradas com o báculo.*

*Ela é muito grande, com uma ampla roupa de renda negra, de saia larga e volumosa.*

- AVÓ - Isso é muito desaforo! Bando de traidoras! Que não têm respeito por uma colega! Guerrilheiras! (*para os homens*) E vocês? Frouxos! Onde é que enfiaram os culhões que deixam fazerem esse abuso com uma pobre criatura indefesa. Maricas! Gala rala! Bundas moles! Vocês não sabem com quem estão lidando! Eu sou amiga íntima do senador Onésimo Sánchez!

*Enquanto ela fala, os homens a cercam e provocam.*

*Ela fica ainda mais furiosa, rugindo e distribuindo golpes de báculo.*

*Por fim, os homens a levantam ereta e monumental no ar e saem com ela.*

Cena 4

*Sozinha e nua, Erêndira está presa à guarda da cama por uma corrente de cachorro, cercada pelas putas que olham de longe.*

*Erêndira olha o público e cobre o rosto de vergonha.*

PUTA 3 - Não deve ter mais que dezesseis anos.

PUTA 1 - Sí, sí.

PUTA 2 - Tão lânguida... Deve ter até os ossos molinhos...

PUTA 1 - És demasiado mansa para su edad.

PUTA 3 - Dizem que ela agüentou calada o tormento da cama nos brejos de salitre, na modorra das cabanas dos alagados, na cratera de lua das minas de talco...

PUTA 2 - Sempre a setenta homens por dia, coitada.

PUTA 1 - *(para Erêndira, que se enrola e cobre o rosto, mas não chora)* Es verdad todo eso?

ERÊNDIRA - É...

PUTA 2 - Coitadinha. *(estende a mão para tocá-la. Erêndira olha a mão esperando o toque.)*

AVÓ - *(entrando e marchando furiosa para cima delas)* Não toque nela! Tire essa mão suja de cima da minha neta! Estão pensando o que? Ela não é como vocês, não. Erêndira é uma dama! *(as putas riem)* Dama! Como eu! Dama como vocês nunca foram nem nunca serão! Por isso é que os homens fazem fila na nossa porta e vocês ficam a ver navios. De mãos vazias! Deitando sozinhas! Mas agora basta! Esta cidade não merece a nossa presença.

*As putas vão saindo.*

PUTA 3 - Ha! Depois que passaram todos os capazes...

AVÓ - Todos, não. Ainda faltavam vinte e dois. Quem sabe vocês não resolvem o problema deles. *(grita para as mulheres que saem)* São os que têm senha roxa. *(volta-se para Erêndira e sorri com seu carinho terrível)* Olha só o que a Vovó trouxe para você.

*Tira de debaixo da roupa um vestido de ouro estampado de flores coloridas.*



*Sobe na cama e veste Erêndira.*

ERÊNDIRA - O que foi isso que aconteceu?

AVÓ - O que?

ERÊNDIRA - Essas mulheres... Quem são?

AVÓ - São... É... Não tem importância, já foram embora.

ERÊNDIRA - Elas são como eu?

AVÓ - Como você como?

ERÊNDIRA - Como eu.

AVÓ - Não! Imagine! Ninguém é como você. Você... você é a flor do deserto.

Cena 5

*Bate palmas.*

*Entram os índios.*

*Alguns retiram as faixas de letreiros e desmontam a tenda.*

*Outros empurram um carro, sobre o qual há um piano, uma vitrola de corneta, um relógio antigo, um anjo de alabastro, uma estátua de César inventado, um tonel de banho, um trono dourado...*

*Dois índios carregam um palanquim. Carregam a Avó e a acomodam.*

AVÓ - Você não pode se queixar, hã? Tem roupas de rainha, uma cama de luxo, uma banda de música, e catorze índios a seu serviço. Não é uma maravilha?

ERÊNDIRA - É, avó.

*Os índios carregam a cama com Erêndira e a colocam no carro.*

*A Avó bate palmas. Entra a banda de música.*

*Os índios puxam o carro.*

*Giram pelo espaço, a Avó falando sobre a música.*

AVÓ - Quando eu não estiver mais aqui, você não vai ficar à mercê dos homens. Não. Vai ter sua casa própria. Numa cidade de importância. Vai ser livre. E feliz.

ERÊNDIRA - Sei, avó.

AVÓ - Vai ser uma dama senhorial! Uma dama de classe venerada pelas suas protegidas. Amada e respeitada pelas mais altas autoridades. Os capitães dos navios vão mandar cartões postais para você de todos os portos do

mundo. A fama da sua casa vai voar de boca em boca, desde o cordão das Antilhas até os reinos de Holanda. E haverá de ser mais importante que a casa do presidente, porque na sua casa vão discutir os assuntos do governo, na sua casa vai se decidir o destino da nação.

*Os índios param o carro com um tranco súbito.*

*A Avó tem um sobressalto com a sacudida e com a memória que lhe vem.*

AVÓ – *(riso breve)* Lembra como começamos?

ATO I

Cena 1

*Mudança de luz e de cenário.*

*Ruído de vento, que domina toda a cena a seguir.*

*Abrem-se cortinas, compondo a casa, que se agita ao vento.*

*Em contraluz, Erêndira despe a Avó que entra no tonel de banho.*

*Verte sobre ela uma grande jarra de água.*

*Dez velas acesas dançam no escuro. Acendem mais vinte velas.*

*A luz se acende de chofre.*

*Erêndira estende o vestido, a Avó sai do banho, veste-o e vai se sentar no trono.*

*Erêndira a penteia e maquia.*

ERÊNDIRA - Já dei corda nos relógios.

AVÓ - Demorou?

ERÊNDIRA - O de sempre.

AVÓ - Seis horas...

ERÊNDIRA - Limpei o chão, lustrei os cristais, molhei o pátio, o almoço está no fogo.

AVÓ – *(ouvindo)* O que é isso?

ERÊNDIRA - O vento.

AVÓ - O vento da desgraça. Foi por esta época, faz catorze anos, que te trouxeram para casa. Você parecia uma lagartixa embrulhada nos panos. Amadis, seu pai, meu filho, era jovem, bonito. Estava tão contente aquele dia! Mandou buscar vinte carretas de flores. Chegou gritando, atirando flores pela rua, até o povoado inteiro ficar colorido, como um mar. Seu avô, meu marido...

*A voz da Avó se afoga num soluço. Ela enxuga uma breve lágrima.*

ERÊNDIRA - Vou buscar a comida.

AVÓ – Você tem de ser grata. A eles. A mim.

*Erêndira caminha. Suspende um passo no ar e adormece instantaneamente.*

*Continua caminhando até sair de cena.*

AVÓ - Não é todo mundo que tem casa para morar. Perdida na solidão do deserto, é verdade, mas sólida. Com uma cisterna cheia d'água trazida de longe em lombo de índio. E os tesouros de uma vida inteira. Não temos mais criados, é fato. Mas temos as lembranças... É. Você tem de ser muito grata. Tem de agradecer.

*Erêndira retorna com uma sopeira fumegante. Serve a Avó.*

*A Avó passa a mão diante de seu rosto. Ela não vê a mão.*

*Erêndira se afasta com a sopeira.*

AVÓ – *(toma a sopa, com ruído)* Erêndira.

*“Despertada de golpe, a menina deixa cair a sopeira no tapete”.*

AVÓ - Não tem importância, filha. Você dormiu em pé outra vez.

ERÊNDIRA - *(abaixa-se, limpa o tapete com um pano)* É o costume do corpo.

AVÓ - Deixe assim. Você lava mais tarde. *(toma sopa com ruído)*

ERÊNDIRA - Tá bom, Avó.

*Erêndira cumpre uma a uma as ordens que a Avó vai lhe dar, mudando de atividade a cada nova ordem, sempre levando consigo uma vela acesa.*

AVÓ - Aproveite para lavar também o tapete da sala que não vê o sol desde os tempos da briga. *(toma sopa com ruído)*

ERÊNDIRA - Pode deixar, Avó.

AVÓ - Antes de dormir, passe toda a roupa, para ficar com a consciência tranqüila. *(toma a sopa com ruído e estende o prato)*

ERÊNDIRA – *(pega o prato da Avó)* Passo, Avó.

AVÓ – *(abanando-se com um leque de plumas)* Arrume bem os armários, porque nas noites de vento as traças têm mais fome.

ERÊNDIRA - Arrumo, sim, Avó.

AVÓ - Com o tempo que sobra, ponha as plantas lá fora para respirar um pouco.

ERÊNDIRA - Ponho, Avó.

AVÓ – E dê a comida do avestruz. *(começa a adormecer, parando o leque)*

ERÊNDIRA - Pode deixar, Avó.

AVÓ – Dê água para as sepulturas de seu pai e de seu avô.

ERÊNDIRA - Dou, Avó.

AVÓ - Antes de dormir, deixe tudo na mais perfeita ordem, porque as coisas sofrem muito quando passam a noite fora dos seus lugares.

ERÊNDIRA - Sei, Avó.

AVÓ – *(já dormindo, sonha, aflita)* E se os Amadis chegarem, avise! Diga para eles não entrarem porque a quadrilha de Porfírio Galán está esperando os dois. Para matar!

*Erêndira apaga as velas, uma a uma. A luz vai se apagando com ela.*

*Erêndira adormece no meio de um passo e derruba a vela acesa que tem na mão.*

*Efeitos de luz incendeiam subitamente as cortinas, com ruído de fogo.*

*Música sobre o vento, sobre o fogo.*

*As cortinas se apagam lentamente, enquanto os índios trazem, voando alto no ar, um vasto véu cinzento que cobre todo o cenário.*

*A música cessa, o vento continua soprando.*

## Cena 2

*Acende-se um foco de penumbra sobre a Avó, de pé, imóvel.*

*A partir dela a luz parda vai se espalhando sobre o cenário coberto pelo véu de cinza.*

*Erêndira está ao lado da Avó, de cabeça baixa, mas ereta, sem chorar.*

AVÓ - Minha pobre menina. A sua vida inteira vai ser pouco para me pagar esse prejuízo.

*Explode o trovão, brilha o relâmpago, junto com a música de ritmo agitado.*

*A Avó atravessa o deserto de cinzas, levando Erêndira pela mão até o lado oposto.*

*Lá está o Viúvo, reclinado sobre sacos de cereais, uma balança de gancho ao lado.*

*Com um único gesto, a Avó arranca o vestido de Erêndira.*

*A menina cobre os seios e o sexo com as mãos.*

AVÓ - Quanto?

VIÚVO – (*examina Erêndira*) Ainda está muito verde. Tem tetinhas de cadela.

AVÓ - É virgem. Como o senhor gosta.

*Ele carrega Erêndira, coloca na balança.*

VIÚVO - Quarenta e dois quilos. Não vale mais que cem pesos.

AVÓ – Cem pesos por uma criatura completamente nova! Isso é faltar muito com o devido respeito à virtude. Um viúvo distinto como o senhor!

VIÚVO - Cento e cinqüenta...

AVÓ - A menina me deu um prejuízo de mais de um milhão de pesos! Nesse passo vai levar duzentos anos para me pagar...

*Trovão.*

VIÚVO - Por sorte, tem uma coisa boa, que é a idade.

AVÓ - Então. Pense na sua falecida esposa e suba pelo menos até trezentos, vá!

VIÚVO - Duzentos e cinqüenta.

AVÓ - Duzentos e cinqüenta e mais alguma coisa de comer.

VIÚVO - Duzentos e vinte e umas coisas de comer.

AVÓ - Feito.

*O Viúvo tira do bolso um rolo de notas, separa algumas e dá para a Avó*

*Ela enfia no decote.*

AVÓ - (*para Erêndira*) Vá com ele. Eu espero aqui.

ERÊNDIRA - Vou, Avó.

*Ao longo da cena, a luz foi ficando cinzenta e pesada, de céu encoberto.*

*Trovão, brilho do raio, uivo do vento. Frigor de uma tempestade muito forte.*

*Acende-se um foco brilhante sobre a Avó, de pé sobre os sacos, imóvel.*

*O Viúvo conduz Erêndira pela mão “como se a levasse para a escola”.*

*“Pendurada entre dois pilares, agitada como uma vela solta, uma rede sem cor”.*

*“Na primeira tentativa do Viúvo, Erêndira grita algo inaudível e tenta escapar. O*

*Viúvo reponde-lhe sem voz, torce-lhe o braço pelo pulso e arrasta-a para a rede. Ela resiste arranhando-lhe o rosto e volta a gritar em silêncio. Ele responde com uma*

*bofetada solene que a levanta do chão e a faz flutuar um momento no ar com o longo cabelo de medusa ondulando no vazio, agarra-a pela cintura antes que torne a pisar na terra, derruba-a na rede com um golpe brutal, e a imobiliza com os joelhos. Erêndira sucumbe então ao terror, perde os sentidos”.*

*O Viúvo a deixa e sai. Ressoam os trovões.*

*À luz intermitente dos relâmpagos, uma fila de homens se sucede em cima de Erêndira.*

*A luz se apaga aos poucos. Permanece apenas o foco da Avó, imóvel.*

AVÓ - Maldito povoado de ruas miseráveis queimando debaixo desse sol imóvel! Aqui não tem mais homem que mereça minha neta. Todos já pagaram para morder o que podiam.

Cena 3

*Música de rádio com estática.*

*Mudança de luz.*

*O Motorista e o Carregador armam em torno da Avó uma carroceria de caminhão com sua pintura colorida característica.*

*Os índios colocam dentro da carroceria os restos do incêndio: uma arca com duas cruzes, o anjo de alabastro, um busto de César, o trono dourado, um pedaço de piano, uma cabeceira de cama.*

*A Avó supervisiona tudo em cima. Erêndira supervisiona em baixo.*

MOTORISTA – Vão ter de ir aqui na carroceria com a carga de arroz, porque a boléia já está lotada.

AVÓ - Se o preço for justo.

MOTORISTA – Setenta pesos.

AVÓ - Você já vai receber pela carga. Tenha pena de uma pobre velha que perdeu tudo. Quarenta e cinco.

MOTORISTA – Sessenta e olhe lá. Porque me falaram que sua casa pegou fogo.

AVÓ - Cinquenta e não se fala mais nisso.

MOTORISTA – Cinquenta e cinco.

AVÓ – (para o Carregador) Pode descarregar, não vou mais.

MOTORISTA – Não. Também não é assim. Que é isso? Cinquenta, pronto.

AVÓ - Vale. Mas não pense que vou agradecer.

*O Carregador sobe, ajuda Erêndira a subir.*

*A Avó abre um guarda-chuva preto.*

*O Motorista desce e desaparece.*

AVÓ - Depois do deserto, o mundo. Vamos embora desta terra!

*Música. Os índios abanam lenços de despedida. Saem.*

*Efeito de luz na cortina de fundo faz o movimento da estrada, de um lado para outro.*

*De pé sobre os sacos, Erêndira viaja de frente, olhando o que vem.*

*Acomodada no trono, a Avó viaja de costas, olhando o que foi.*

*O Carregador derruba Erêndira sobre os sacos.*

*“Primeiro, seu sistema de defesa é o mesmo com que se opôs à agressão do Viúvo. Mas o método do Carregador é diferente, lento e sabido, e termina por amansá-la com ternura”.*

*A música termina quando eles terminam.*

AVÓ – *(sem olhar para trás)* Vinte pesos.

*A música recomeça: o Carregador e Erêndira retomam o amor, em outra posição. E logo terminam, junto com a música.*

AVÓ – *(sem olhar para trás)* Com mais vinte, quarenta.

*A música retorna e dessa vez é Erêndira quem quer. O Carregador concorda, os dois se amam.*

AVÓ – *(sem olhar para trás)* Sessenta.

*A música cessa, o casal fica deitado sobre os sacos.*

*Erêndira enfia o dedo em um dos sacos, e colhe na mão o arroz que sai do furo.*

*Entra o Motorista, e junto com o Carregador descarregam os móveis e objetos.*

AVÓ - Chegamos?

MOTORISTA – Daqui pra frente tudo já é mundo.

AVÓ - Não parece.

MOTORISTA – É terra das missões.

AVÓ - Eu não quero saber de caridade, mas sim de contrabando.

*Erêndira retira um colar de pérolas do buraco que fez no saco.*

MOTORISTA – Está sonhando acordada, dona. Não existe contrabandista.

AVÓ - Como não? Vai dizer isso pra mim?

*O Carregador vê o colar na mão de Erêndira, apavora-se e torna a escondê-lo no saco.*

MOTORISTA – Pois pode procurar pra ver. Todo mundo fala deles, mas ninguém nunca viu.

*O Motorista ajuda o Carregador a descarregar a arca com as cruzes pintadas.*

MOTORISTA – Isto aqui pesa mais que um morto.

AVÓ - São dois. Amadis pai e Amadis filho. Por isso, trate com o devido respeito.

MOTORISTA – *(estende a mão)* Cinquenta pesos.

AVÓ - Seu escravo já cobrou de outro jeito.

*O Motorista olha o Carregador ao lado de Erêndira. Ele faz que sim com a cabeça.*

*O Motorista quase avança sobre o outro, mas se contém e sai, protestando.*

CARREGADOR – Erêndira vai comigo, se a senhora não tem nada contra. É com a melhor intenção.

ERÊNDIRA - Eu não falei nada!

CARREGADOR – Estou falando eu que tive a idéia.

MOTORISTA - *(grita off)* Vambora!

AVÓ - Por mim tudo bem. Se me pagar o que eu perdi por causa do descuido dela. São oitocentos e dois mil, trezentos e quinze pesos, menos quatrocentos e vinte que já me pagou, quer dizer, são oitocentos e setenta e um mil, oitocentos e noventa e cinco.

MOTORISTA *(grita off)* – Vamos!

CARREGADOR - *(para Erêndira)* Olha, eu até pagava esse montão de dinheiro se tivesse. Você vale.

*Ele ajuda Erêndira a descer para o lado da Avó.*

AVÓ - Pois volte quando tiver, filho. Agora é melhor ir embora porque se faço as contas de novo é capaz de você ainda ficar me devendo dez pesos.



*O Carregador acena com a mão. Erêndira responde, tímida.*

*O caminhão vai embora. Atrás dele já existe uma tenda de véus e pedaços de tapetes.*

Cena 4

*Música.*

*A Avó arruma Erêndira: “pinta-lhe o rosto com um estilo de beleza sepulcral que esteve em moda na sua juventude, arrematando com cílios postiços e um laço de organza que parece uma mariposa na cabeça”.*

AVÓ - Você está se achando horrorosa, mas assim é melhor: os homens não entendem nada dessas coisas de mulher.

*Ouvem-se passos de mulas.*

*A Avó faz um sinal para Erêndira deitar, fecha a cortina e senta-se no trono.*

*Entra o Carteiro, no ritmo dos passos das mulas.*

*“Ao passar diante da Avó, saúda com a mão”. “Ela lhe faz um sinal para dar uma olhada dentro da tenda”. Levanta a cortina. O Carteiro se detém e vê Erêndira deitada lá dentro.*

AVÓ - Gosta?

CARTEIRO - É. Em jejum até que não ia mal. (ri)

AVÓ - Cinquenta pesos.

CARTEIRO - Nossa! Só se a dela for de ouro! Isso é o que gasto de comida num mês inteiro.

AVÓ - Largue de ser miserável. O correio aéreo ganha melhor que um padre.

CARTEIRO - Eu sou do correio nacional. O correio aéreo é esse que anda de caminhãozinho.

AVÓ - Bom, você sabe muito bem que o amor é tão importante quanto comer...

CARTEIRO - Mas não enche a barriga.

AVÓ - Quanto você tem?

*O Carteiro procura nos bolsos e retira umas notas amassadas que estende na mão.*

*A Avó agarra as notas sem contar.*

AVÓ - Pois faço um desconto. Mas com uma condição: que você fale dela em todo lugar que passar.

CARTEIRO - Até do outro lado do mundo, dona. Pra isso que eu sirvo.

*A Avó empurra-o para dentro. Fecha a cortina com um gesto enérgico.*

*Em silhueta, vê-se o Carteiro e Erêndira em atividade lá dentro.*

*A Avó fica se abanando, cantarolando para si mesma.*

Cena 5

*Música. Mudança de luz indica passagem de tempo.*

*Entra o Homem 2.*

HOMEM 2 - Que que tem aí dentro?

AVÓ - A cândida flor do deserto.

HOMEM 2 - É?

AVÓ - É. Por que não espera a sua vez pra experimentar?

HOMEM 2 - Quanto que é?

AVÓ - Cinquenta pesos.

HOMEM 2 - Só tenho vinte e sete.

AVÓ - E esse anel aí no seu dedo?

HOMEM 2 - É aliança de casamento.

AVÓ - Pois pode completar com ele.

HOMEM 2 - A senhora aceita?

AVÓ - Homem! Eu era tão exigente que cheguei a recusar um bom cliente porque só tinha quarenta e cinco. Agora, já aprendi minhas lições de realidade.

HOMEM 2 - Ha...

AVÓ - Então? Vai querer ou não?

HOMEM 2 - É-he! Mais pobre não vou ficar. Vamos lá.

*Entrega à Avó algumas moedas e o anel que retira do dedo com dificuldade.*

*Enquanto completam a transação, outros homens vão surgindo.*

*Pagam a Avó sentada no trono, recebem uma senha colorida, e se colocam em fila.*

*O Fotógrafo entra, de bicicleta, com a câmera de madeira montada no tripé e um rolo de cenário no bagageiro, dirige-se ao último homem da fila.*

*Os homens vão se sucedendo dentro da tenda, vemos suas ações em silhueta.*

*Quando terminam, saem se vestindo e tornam a participar da conversa.*

FOTÓGRAFO – O que é que estão vendendo aí?

- HOMEM - Pois não sabe? A cândida Erêndira.  
HOMEM - E sua avó desalmada.  
HOMEM - Não. A velha não se vende, não.  
HOMEM - E quem ia querer essa baleia?  
HOMEM - Ela já foi a mulher mais linda do mundo!  
HOMEM - Do mundo?  
HOMEM - Da América pelo menos.  
HOMEM - Da América?  
HOMEM - Latina.  
HOMEM - Sei.  
HOMEM - Tá bom. Da América do Sul. Era a puta mais linda de todos os bordéis das Antilhas. Até que um sujeito chamado Amadis tirou ela de lá.  
HOMEM - É. Matou um homem a facadas pra ficar com ela. Depois se enfiou no deserto com a mulher.  
FOTÓGRAFO – São daqui?  
HOMEM - Não. Vieram do outro lado do deserto  
HOMEM - Diz-que as duas moravam num palacete construído por esse Amadis aí, marido da avó, contrabandista famoso.  
HOMEM - Será? Eu já ouvi essa história, mas não acredito, não.  
HOMEM - Pois não acredita por que? O filho deles chamava Amadis como o pai. Eu conheci. Contrabandista também.

*O Fotógrafo monta sua câmera.*

- FOTÓGRAFO - Morreram já? Todos dois?  
HOMEM - O pai morreu de febre de tristeza, saudade do mundo. O filho, furado de faca numa briga, aos pés da mãe. Ela enterrou os dois no pátio da casa e ficou vivendo da grandeza dos ontens.  
HOMEM - Sei não...  
HOMEM - É. A menina tocou fogo na casa e na riqueza toda herdada pela velha.  
HOMEM - Só de ruindade?  
HOMEM - Não! Acidente. Uma vela que ela derrubou.  
FOTÓGRAFO – Quando foi isso?  
HOMEM - E quem sabe?  
HOMEM - Que ouvi falar delas faz seis meses.  
HOMEM - Pois para mim disseram vinte anos.  
HOMEM - A velha parece que tem quinhentos. (*risos*)

HOMEM - Deve ter começado com Cristóvão Colombo.  
 HOMEM - Ou antes. (*mais risos*)  
 HOMEM - E a neta? É nova?  
 HOMEM - Nova.  
 FOTÓGRAFO – E a mãe?  
 HOMEM - Haverá de ter sido puta também.  
 HOMEM - Tem mãe, não. Só vó. Aquela.  
 HOMEM - Três gerações: a putinha é neta e filha da puta (*risos*).  
 HOMEM - A mãe, vai ver, morreu queimada no incêndio da filha.  
 HOMEM - Não, não. A velha é que criou a menina.  
 FOTÓGRAFO – E por que uma avó faz isso com a neta?  
 HOMEM - Homem! Com uma família dessas é destino da pequena.  
 HOMEM - Vocação é que não lhe falta.  
 HOMEM - É só olhar o que a menina fez: queimou tudo que a Avó tinha. Tem de pagar!  
 FOTÓGRAFO – Ah...

*O Fotógrafo enfia a cabeça na manga preta da câmera, levanta alto o T de magnésio. Os homens fazem pose, como um time de futebol. Uma explosão de luz e fumaça.*

#### Cena 6

*Música. Os homens se dispersam.*

*A Avó monta nas costas de um índio, Erêndira vai a seu lado, guarda-chuva aberto.*

*Atrás delas, quatro índios levando os pedaços do acampamento: o trono, o anjo de alabastro, o baú com os ossos dos Amadis.*

*O último índio desmonta a barraca e a leva nas costas.*

*O Fotógrafo observa o cortejo, enquanto desmonta a câmera e carrega na bicicleta.*

AVÓ - Aqui já ficamos que baste. Se as coisas continuarem assim você acaba de me pagar a dívida dentro de oito anos, sete meses e onze dias.

*“Volta a repassar os cálculos, de olhos fechados, ruminando os grãos que tira de uma bolsa onde guarda também o dinheiro.”*

AVÓ - Claro que sem contar o pagamento e a comida dos índios e outros gastos menores. Este burro nos custou uma fortuna.

ERÊNDIRA - Meus ossos parecem vidro moído.

AVÓ - Trate de dormir.

ERÊNDIRA - Certo, Avó.

*Erêndira fecha os olhos, dorme, mas continua caminhando ao lado da Avó.*

*Saem.*

*O Fotógrafo segue atrás, de bicicleta, mantendo distância.*

Cena 7

*Música.*

*Dois índios entram e montam uma tenda melhor que a primeira.*

*Diante da tenda, uma fila de soldados coroados de folhas, como se estivessem camuflados, diante da tenda. Uma garrafa corre de mão em mão.*

*Alguns dançam.*

*O Fotógrafo entra de bicicleta e monta sua câmera e uma tela desbotada de cenário de fundo: um lago entre montanhas européias, com cisnes nadando.*

*Ulisses e o Pai entram carregando engradados que cacarejam e soltam penas brancas.*

PAI - O que será que estão vendendo ali?

ULISSES - Uma mulher. Se chama Erêndira.

PAI - Como é que você sabe?

ULISSES - Todo mundo sabe no deserto.

*Saem.*

*A Avó sai da tenda e examina os homens da fila, do fim para o começo.*

*Toca um, toca outro, avaliando o material, o cesto de dinheiro pendurado no braço.*

*Ulisses entra no último lugar, quando ela chega ao Soldado 1 que é o primeiro.*

*O soldado estende a ela o dinheiro, a Avó recusa.*

AVÓ - Não, filho. Você não entra nem por todo o ouro do mundo. Você não.

SOLDADO 1 - Mas por que?

AVÓ - Você dá azar até na sombra. É só olhar pra sua cara.

*Afasta-o com um gesto poderoso, que o Soldado 1 obedece, contrariado.*

AVÓ – *(para o seguinte da fila)* Pode entrar, bonitão. E não demore que a pátria precisa de você.

*O Soldado 2 entra e ilumina-se o interior da tenda.*

*O soldadinho estaca porque Erêndira está com o corpo empinado na cama, tremendo.*

SOLDADO 2 – *(saindo da tenda, para a Avó)* Acho melhor a senhora...

*A Avó entra imediatamente, senta-se no catre ao lado de Erêndira que treme.*

ERÊNDIRA - Estou maltratada, suja do suor de soldados, avó. Estou morrendo.

*A Avó toca-lhe a testa.*

AVÓ - Não tem febre nenhuma. Agüente um pouquinho, meu bem, faltam só dez militares.

*Erêndira cai em prantos, gemendo feito um bicho ferido.*

*A Avó se compadece, afaga sua cabeça.*

AVÓ - Tudo bem. O problema é que você está fraca. Não, não chore mais. Tome um banho de sálvia pra reconstituir o sangue.

*Erêndira se acalma. A Avó sai da tenda, que se apaga.*

*Devolve o dinheiro ao Soldado 2.*

AVÓ - Acabou por hoje. Volte amanhã que te dou o primeiro lugar. *(grita)* Acabou, meninos. Até amanhã às nove.

*Os homens se revoltam, protestando aos gritos, desmancham a fila e avançam na Avó.*

*Só Ulisses fica em seu lugar.*

AVÓ - Que falta de consideração! Tarados! Estão pensando que essa criatura é de ferro? Queria ver vocês no lugar dela. Pervertidos! Apátridas de merda!

*Os homens continuam protestando, a Avó enfrenta todos, distribui golpes de báculo.*

*Ruidosos, os homens se dispersam.*

AVÓ – *(vendo Ulisses)* E você, meu anjo? Onde é que deixou as asas?

ULISSES - Quem tinha asa era meu avô. Mas ninguém acredita.

AVÓ - Eu acredito. Venha com elas amanhã.

*Ulisses sai, a Avó entra na tenda.*

#### Cena 8

*A luz de fora se apaga. A luz de dentro se acende.*

*Erêndira está sentada na cama, enxugando o cabelo.*

*A Avó acomoda-se no trono.*

AVÓ - Está melhor?

ERÊNDIRA - Estou, avó.

AVÓ - Pois então durma. Amanhã vai ser um dia cheio com os homens novos mais os que sobraram de hoje. *(adormece instantaneamente)*

#### Cena 9

*Ulisses espia de trás da cama de Erêndira. Ela se sobressalta.*

ERÊNDIRA - Você quem é?

ULISSES - Ulisses. Trouxe dinheiro.

ERÊNDIRA - Tinha de ficar na fila.

ULISSES - Esperei a noite inteira.

ERÊNDIRA – Pois vai ter de esperar até amanhã. Estou que parece que me moeram os rins.

AVÓ – *(dormindo)* Vai fazer vinte anos que choveu pela última vez. Foi uma tempestade tão forte que a chuva veio misturada com água do mar. A casa amanheceu cheia de peixes e caramujos. Amadís, que Deus o tenha, viu uma arraia luminosa navegando no ar.

ERÊNDIRA – *(para Ulisses que se escondeu atrás da cama)* Não tenha medo. Ela sempre fica parecendo maluca quando dorme, mas não acorda nem com terremoto. Venha, me ajude a trocar o lençol.

*Ulisses sai de trás da cama, pega o lençol por um extremo, Erêndira pelo outro.*

*Torcem o suor sobre uma bacia. “Como é um lençol muito maior que a esteira, precisam de vários movimentos para dobrá-lo. Ao fim de cada dobra, Ulisses está mais perto de Erêndira.”*

ULISSES - Estava louco pra te ver. Todo mundo diz que você é muito bonita. E é verdade.

ERÊNDIRA – Só que eu vou morrer.

ULISSES - Minha mãe disse que quem morre no deserto não vai para o céu, vai para o mar.

ERÊNDIRA – Eu nunca vi o mar.

ULISSES - É igual o deserto, só que de água.

ERÊNDIRA – Então não dá para andar em cima dele.

ULISSES - Meu pai conheceu um homem que conseguia, mas faz muito tempo.

ERÊNDIRA – Se você voltar amanhã bem cedo, pode ser o primeiro da fila.

ULISSES - Vou embora com meu pai de madrugada.

ERÊNDIRA – E não voltam nunca mais?

ULISSES - Quem sabe quando? Agora passamos aqui por acaso, porque nos perdemos no caminho para a fronteira.

ERÊNDIRA – (*pensativa, olha a Avó adormecida*) Bom. Me dá o dinheiro.

*“Ulisses lhe entrega. Erêndira se deita na cama, mas ele fica tremendo em seu lugar: no momento decisivo perdeu a determinação. Erêndira pega sua mão para que se apresse e só então percebe sua tribulação. Ela conhece esse medo.”*

ERÊNDIRA – É a primeira vez? (*Ulisses sorri, não responde*) Respire devagar. No começo é sempre difícil. Depois você nem percebe.

*De joelhos na cama, ela o despe suavemente.*

ERÊNDIRA - Como é seu nome?

ULISSES - Ulisses.

ERÊNDIRA – É nome de gringo.

ULISSES - Não. De marinheiro.

ERÊNDIRA – Você tem cheiro de flor.

ULISSES - Deve ser por causa das laranjas. A gente anda sempre com engradados de galinhas, mas o que levamos pra fronteira é contrabando de laranja.

ERÊNDIRA – Laranja não é contrabando.

ULISSES - Essas são. Cada uma custa cinqüenta mil pesos.

*“Erêndira ri pela primeira vez em muito tempo.”*



ERÊNDIRA – O que eu gosto em você é essa cara séria quando fala bobagem.

*Música. Os dois se amam.*

## ATO II

### Cena 1

*Mudança de luz.*

*Sopra o vento. Uma grande cruz domina o espaço.*

*“Um grupo de missionários, com crucifixos levantados, planta-se ombro a ombro no meio do deserto. Um vento bravo como a desgraça sacode seus hábitos rústicos e suas barbas descuidadas, e mal permite que fiquem em pé.”*

MISSIONÁRIO – *(grita)* Não passem desta risca!

*“Os quatro carregadores índios que transportam a Avó em um palanquim de tábuas se detêm ao ouvir o grito. Ainda que mal sentada no piso do palanquim, e com o ânimo entorpecido pelo pó e pelo suor do deserto, a Avó mantém sua altivez. Erêndira acompanha a pé. Atrás do palanquim, uma fila de oito índios de carga, e por último o Fotógrafo de bicicleta.”*

AVÓ - O deserto não é de ninguém.

MISSIONÁRIO – É de Deus. E a senhora está violando as Suas santas leis com esse comércio imundo.

AVÓ - É que eu não entendo os seus mistérios, filho.

MISSIONÁRIO – Essa criatura é menor de idade.

AVÓ - Mas é minha neta!

MISSIONÁRIO – Pior ainda. Deixe a menina aos nossos cuidados por bem, senão vamos ter de apelar para outros métodos.

AVÓ - Pois pode apelar pro que quiser que eu não entrego neta nenhuma. Peste! Mais cedo ou mais tarde eu passo para onde quiser, espere só pra ver. Vambora!

*Os índios dão meia volta e saem por onde entraram.*

*Os missionários pelo lado oposto, cantando em latim.*

*Continuam cantando fora de cena.*

*Um breve momento de palco vazio: anoitece.*

## Cena 2

*Seis freiras cruzam o espaço, saindo na direção por onde saiu a Avó.*

*Breve momento de palco vazio.*

*Elas retornam imediatamente, trazendo Erêndira embrulhada em panos, dormindo.*

*Só então cessa o canto dos missionários.*

*A Avó entra, furiosa.*

AVÓ - Não haverá recurso torto ou direito que eu não tente para libertar minha neta de vocês! Homens de saias! Capados! Membecas! Chibungos! Eu vou às autoridades! Civis e militares! Vou à imprensa! Aqui me planto no calor mineral dos dias, nos ventos perdidos das noites, o resto da minha vida se preciso for, até que me devolvam minha neta!

*Alvorço de índios que trazem o trono para ela se sentar e o guarda-chuva aberto para se proteger e um fresco para beber e um leque para se abanar. Ela tudo aceita e os dispensa com gestos violentos e rugidos ferozes.*

## Cena 3

*Entra um militar com a farda aberta sobre o peito nu, fuzil na mão, mirando o céu.*

*Dispara dois ou três tiros.*

AVÓ - Êh, coronel! Não me venha com outra revolução que já me basta a minha guerra santa, hã. Está atirando no que?

PREFEITO - Naquela nuvem escura.

AVÓ - Mas só tem ela no céu.

PREFEITO - Por isso mesmo. Tenho de fazer chover, para isso sou prefeito.

AVÓ - Quem sabe o senhor, como militar num posto civil, não é?, dois poderes juntos num só, possa resolver o meu problema.

PREFEITO - Qual problema?

AVÓ - Eu sou uma pobre velha que não tenho ninguém no mundo além da minha neta. Eu não sou nada sem ela e ela não é nada sem mim. Nós dependemos uma da outra para viver.

PREFEITO - ¿Y?

AVÓ - Y que os santos missionários, com a desculpa de que a menina é menor de idade, trancaram minha neta no convento lá deles, como se fosse criminosa.

PREFEITO - Pelo pacto de não-intervenção celebrado entre a igreja, o governo civil e as autoridades militares, eles têm direito de ficar com ela até ser maior de idade. Ou até que contraia matrimônio de livre e espontânea vontade. Esse caso está fora do meu alcance, não posso fazer nada.

AVÓ - Nada?

PREFEITO - Nada.

AVÓ - Então para que botaram o senhor de prefeito?

PREFEITO - Para fazer chover.

*Os dois olham o céu.*

AVÓ - É. Só que a nuvem de tempestade está fora do seu alcance também.

PREFEITO - Interrompendo os meus deveres oficiais em consideração à sua dor, posso dizer que no seu caso seria preciso uma pessoa de muito peso para responder pela senhora. Alguém que possa dar garantias da sua moralidade e bons costumes com uma carta assinada. Conhece o senador Onésimo Sánchez?

AVÓ - Quem sou eu? Já ouvi falar, mas não conheço. Quem sou eu? Uma pobre coitada na imensidão do deserto.

PREFEITO - Então não perca mais tempo, minha senhora. Nem o seu, nem o meu.  
(*sai*)

AVÓ – (*baixo*) Vai-te ao caralho!

*Mudança de luz.*

Cena 4

*Anoitece, o crepúsculo pinta de muitas cores o pano de fundo atrás da cruz.*

*Entra o Fotógrafo de bicicleta e passa devagar diante dela.*

AVÓ - Isso que dá deixar milico mandar fora do quartel e padeco mandar fora do convento! Vamos ver quem cansa primeiro: eles ou eu.

FOTÓGRAFO – Os padres estão aí faz trezentos anos e continuam firmes. Vim me despedir.

AVÓ - Pra onde vai?

FOTÓGRAFO – Pra onde soprar o vento. O mundo é grande.

AVÓ - Não tão grande quanto você pensa, mal-agrado.

FOTÓGRAFO – Não tenho por quê ficar aqui. O seu negócio acabou e os guerrilheiros estão chegando.

AVÓ - Que guerrilheiros?!

FOTÓGRAFO – Não viu que ontem passou por aqui uma fila de caminhões cobertos, rodando devagar, cheios de luzes coloridas que mais pareciam uns altares sonâmbulos?

AVÓ – *(ri)* Que guerrilheiros?! São os contrabandistas! Iguais aos meus Amadis, o pai e o filho.

FOTÓGRAFO – Guerrilheiro, contrabandista, prefiro nem saber o que é. Para mim tanto faz. Eu nessas coisas não me meto. Adeus. *(sai pedalando)*

AVÓ – *(baixo)* Vai-te ao caralho!

*Mudança de luz.*

*Anoitece, o pano de fundo atrás da cruz se enche de estrelas.*

Cena 5

*Entra o Contrabandista de “gorro de aba virada, botas altas, duas cartucheiras cruzadas no peito, um fuzil militar e duas pistolas. Vencida por uma tentação irresistível, a Avó chama o homem.”*

AVÓ – *(coquete)* Psiu! Psiu! Não sabe quem sou eu?

*“O homem a ilumina, impiedoso, com uma lanterna de pilhas. Contempla por um instante o rosto estragado pela vigília, os olhos apagados de cansaço, o cabelo sem brilho da mulher que apesar da idade, apesar do mau estado e com aquela luz crua na cara, ainda podia dizer que havia sido a mais bela do mundo.”*

CONTRABANDISTA – Só sei que não é a Virgem dos Remédios.

AVÓ - Ao contrário. Sou a Dama.

CONTRABANDISTA – *(“tocando a arma por puro instinto”)* Que dama?

AVÓ - A de Amadis, o grande.

CONTRABANDISTA – Me desculpe, dona, mas então não é deste mundo. O que é que a senhora quer?

AVÓ - Que me ajude a resgatar minha neta, neta de Amadis, o grande, filha do nosso Amadis, que está trancada nesse convento.

CONTRABANDISTA – *(fazendo o sinal da cruz várias vezes, vocifera)* Bateu em porta errada, madame. Não somos arruaceiros. Temos nossa honra e não

fazemos com os outros o que não queremos que façam com a gente. De nós, ninguém se mete nas coisas de Deus. Nem do governo. Se está pensando uma coisa dessas, a senhora não é quem está dizendo que é, nem conheceu os Amadis, nem tem a mais puta idéia do que é o contrabando. (*sai*)

AVÓ – (*baixo*) Vai-te ao caralho!

*Ela aperta o coração com as duas mãos e rompe num choro alto, aberto.*

*As luzes caem em resistência, enquanto se ouve toque de sinos.*

#### Cena 6

*No escuro, um coro feminino canta com delicadeza.*

*Entra um cortejo de freiras com velas acesas. Erêndira vestida de noviça entre elas, levando um balde de cal e uma brocha de pintura nas mãos.*

*Elas se ajoelham em círculo em torno de Erêndira que também se ajoelha.*

*Continuam cantando baixo.*

ERÊNDIRA - Não perdi nem uma noite de sono desde que me levaram para o convento. Cortaram meu cabelo com uma tesoura de podar. Me deram este balde de cal e esta brocha e mandaram pintar a escada cada vez que alguém subisse. Trabalho de burra de carga, porque estão sempre subindo e descendo os missionários com pés de barro e as noviças de carga. Assim mesmo, todo dia era domingo para mim depois dos anos da prisão da cama. Não era só eu que estava cansada na hora de dormir. Porque este convento não luta contra o demônio. Luta contra o deserto. As noviças índias ordenham as vacas bravas, pulam o dia inteiro na prensa para espremer o queijo, fazem o parto das cabras. Suam como operários tirando água do poço, molhando no braço a horta plantada na rocha viva do deserto. Eu vi o inferno terreno dos fornos de pão e dos quartos de passar roupa. Vi uma freira perseguir e matar um porco até ficar empapada de sangue e de lodo. Mas vi também as freiras doentes a bordar lençóis de sonho para o enxoval de noivas ricas, e tocando música do céu no clavicórdio, e cantando como um coro de anjos de verdade, e mesmo tendo de branquear a escada dias inteiros sem parar, descobri outras caras da beleza e do horror, que nunca tinha imaginado no mundo estreito da cama. E desde que me levaram, nem com ameaças, nem com

agrados conseguiram arrancar uma palavra de minha boca, mas agora vou falar: sou feliz.

*A Avó chora muito alto. As freiras cantam mais alto, levantam-se e saem em cortejo.*

Cena 7

*A Avó assiste de seu trono a entrada de três casais índios, as mulheres agarradas ao rabo dos paletós dos homens.*

*Elas, grávidas, de noiva; eles, de terno e sem camisa; todos descalços.*

*Atrás deles dois missionários de armas na mão, cantando.*

*Saem pelo lado oposto ao que entraram.*

*Volta um índio correndo perseguido pelos dois missionários que o agarram e sacodem.*

ÍNDIO NOIVO - Não, não, não, não, não, não, não, não, não!

MISSIONÁRIO 1 – E por que não?

ÍNDIO NOIVO - O filho não é meu!

MISSIONÁRIO 2 – É.

ÍNDIO NOIVO - Não é.

MISSIONÁRIO 1 – É.

ÍNDIO NOIVO - Não é.

MISSIONÁRIO 2 – É.

ÍNDIO NOIVO - Não é.

MISSIONÁRIO 1 - Mas podia ser.

ÍNDIO NOIVO - Poder, podia.

MISSIONÁRIO 1 – Você já passou da idade de ter filho.

MISSIONÁRIO 2 – Vai ganhar um já feito.

ÍNDIO NOIVO - Não, não, não, não, não, não, não, não, não!

*Saem.*

*Entram duas índias grávidas correndo, perseguidas pelos missionários que as agarram.*

AS DUAS - No, no, no, no, no, no, no, no, no, no!

MISSIONÁRIO 1 – E por que no?

ÍNDIA 1 - Porque mulher casada tem de trabalhar mais do que puta.

MISSIONÁRIO 2 – Jesus, Maria, José!

ÍNDIA 2 - Enquanto homem fica dormindo na rede.

MISSIONÁRIO 1 – É a vontade de Deus! Vocês têm de casar!

AS DUAS - No, no, no, no, no, no, no, no, no, no, no!

MISSIONÁRIO 2 – Esqueceram os brincos que nós prometemos para vocês?

ÍNDIA 1 - É de ouro?

ÍNDIA 2 - É grande?

MISSIONÁRIOS (*juntos*) – Sí, sí, sí, sí, sí, sí, sí, sí.

*Saem.*

#### Cena 8

*Passa um índio “de coração inocente, cabelo indígena cortado em tigela, vestido de andrajado, levando na mão uma vela com um laço de fita branca.*

AVÓ - Psiu! Venha cá. Me diga uma coisa, filho. O que é que você vai fazer aí nessa festa?

MENINO - É que os padres me chamaram pra fazer primeira comunhão. É, sim.

AVÓ - Sei. E quanto te pagaram?

MENINO - Cinco pesos.

AVÓ - Pois eu te pago vinte.

MENINO – (*ri*) É mais.

AVÓ - É. (*Menino ri*) Mas não pra fazer primeira comunhão. (*Menino fica triste*) Para casar.

MENINO – (*ri*) E com quem?

AVÓ - Com minha neta.

MENINO - Ela é bonita?

AVÓ - Linda!

MENINO - Como que chama?

AVÓ - Erêndira.

#### Cena 9

*Grande música. Mudança de luz.*

*Erêndira entra, com a roupa de noiva, mas com um véu igual ao das índias grávidas.*

*Vem acompanhada do Prefeito militar, e dos dois Missionários.*

*A Avó chora alto, emocionada. Um dos Missionários junta a mão dela com a do Menino índio. Murmura algumas palavras em latim e faz o sinal da cruz sobre as mãos.*

MISSIONÁRIO 1 – Dominus vobiscum per omnia saecula saeculorum.

MISSIONÁRIO 2 – Amém.

MISSIONÁRIO 1 – E pelo santo poder a mim atribuído pela Santa Madre Igreja, eu vos declaro marido e mulher.

MISSIONÁRIO 2 – Amém.

MISSIONÁRIO 1 - Erêndira, qual é sua vontade livre, verdadeira e definitiva?

MISSIONÁRIO 2 - Acompanhar seu marido na riqueza e na pobreza...

MISSIONÁRIO 1 - ...na saúde e na doença...

MISSIONÁRIO 2 - ...na bonança e no infortúnio?

MISSIONÁRIO 1 – Amém.

MISSIONÁRIO 2 - Ou permanecer no convento a serviço de Deus, livre das agruras deste mundo, irmã e esposa em Cristo?

ERÊNDIRA – Vocês vão me desculpar, mas eu quero ir. Só que não vou com ele, não. Vou com minha avó.

*Grande música.*

*A Avó, emocionada, abraça e beija a neta.*

*Puxa Erêndira pela mão e vão saindo.*

*Os Missionários bufam de raiva, o Prefeito ri escondido.*

*A um passo da saída, a Avó arranca e joga no chão o véu da cabeça de Erêndira.*

*Saem todos, por lados opostos.*

### ATO III

#### Cena 1

*Ulisses e o Pai trazem a Mãe sentada em uma cadeira de balanço austríaca.*

*Saem. A Mãe fica balançando e gemendo ao ritmo do balanço.*

*O Pai entra com um engradado de laranjas, atravessa a cena e sai.*

*Ulisses entra com uma bandeja sobre a qual há uma jarra de água, um copo e vários frascos de remédio de diversos formatos, todos de vidro claro. Para ao lado da Mãe.*

*Ela toma um remédio. Ele dá um passo para ir embora, mas se detém, olhando a bandeja, maroto. A Mãe observa atenta.*

*Ulisses levanta um dedo estendido e, sorrindo, toca a jarra. Ela fica azul.*

*Perplexa, a Mãe aspira o ar com ruído.*

*O Pai volta em direção oposta à entrada anterior. Pára e fica olhando.*

*Ulisses ri. Estende o dedo e toca o copo, que fica verde.*

*O Pai e Ulisses riem.*

*Ulisses toca um por um os frascos de remédios e todos mudam de cor.*

*O Pai ri e se afasta sacudindo a cabeça.*



MÃE - Desde quando está acontecendo isso com você?  
 ULISSES - Desde que voltamos do deserto. Só com coisa de vidro.  
 MÃE - Isso só acontece por amor. Quem é ela?

*O Pai passa carregando um engradado que cacareja e solta penas brancas.*

PAI – *(sem se deter)* Do que é que estão falando?  
 ULISSES - Nada especial.  
 PAI - Hum... *(sai)*  
 MÃE - O que é que ele disse?  
 ULISSES - Nada especial.  
 MÃE - Me diga quem é.  
 ULISSES - Não é ninguém.  
 MÃE - Faz tempo que você não come pão.  
 ULISSES - Não gosto.  
 MÃE - Mentira. É porque você está mal de amor e quem está mal de amor não pode comer pão. Me diga quem é, senão te dou à força um banho de purificação.  
 ULISSES - Já disse que não é ninguém. Se não acredita pergunte pro pai.

*Ulisses sai. O Pai entra.*

MÃE - Quem foi que vocês conheceram no deserto?  
 PAI - Ninguém. Se não acredita pergunte para Ulisses.

*A Mãe guincha e esperneia um pouco. O Pai levanta a cadeira com ela em cima. Saem.*

## Cena 2

*Erêndira atende um cliente dentro da tenda grande como um circo.  
 Sentada em seu trono, ao lado da entrada, a Avó conta o dinheiro de uma arca.  
 A banda de música toca uma valsa. Um índio vende comidas na fila de clientes.  
 O Fotógrafo arruma sua exposição de fotos dependuradas de um cordão.  
 Sai o cliente que estava dentro. Ulisses é o próximo na fila. Vai pagar a Avó.*

AVÓ - Eu não te conheço?  
 ULISSES - Não.

AVÓ - Mais um que parece anjo. Mostre o documento.

*Ulisses mostra-lhe o sexo dentro das calças. A Avó aprova.*

AVÓ - Pode entrar, filho. *(para o resto da fila)* Só mais vocês dois e encerrou-se o expediente por hoje.

*Ulisses entra. Erêndira está sentada na cama, de costas para a entrada.*

ULISSES - Arídnere.

ERÊNDIRA – Ulisses! *(só então vira-se e o vê. Geme e cobre-se com a colcha)* Não olhe para mim. Estou horrível.

ULISSES - Está toda cor de laranja. *(tira do bolso três laranjas)* Olhe.

ERÊNDIRA - Agora, não quero você.

ULISSES - Só entrei pra te mostrar isto aqui.

*“Abre a laranja com as unhas, parte-a com as duas mãos e mostra a Erêndira o que tem dentro: cravado no coração da fruta, um diamante legítimo.”*

ULISSES - Essas laranjas é que a gente leva pra fronteira.

ERÊNDIRA – Laranjas vivas!

ULISSES - Claro. É meu pai que planta. Com três dessas nós dois podemos dar a volta ao mundo. Procurei vocês pelo deserto inteiro, dias e noites. Primeiro, me disseram que estavam indo atrás da comitiva eleitoral do senador Onésimo Sánchez.

ERÊNDIRA – É verdade. Ele deu para a Avó uma carta escrita de próprio punho que agora abre todas as portas dos povoados do deserto.

ULISSES - Depois, disseram que vocês iam para o mar. Que sua Avó quer atravessar para a ilha de Aruba.

ERÊNDIRA – E de lá para o mundo.

ULISSES - Antes dela, vamos nós. Trouxe a caminhonete do pai. E além disso... *(tira de dentro da camisa uma pistola muito antiga)* Olhe.

ERÊNDIRA – Só posso ir embora daqui a dez anos. Estou pagando minha dívida.

ULISSES - Você vai hoje. Esta noite, quando a baleia branca dormir, eu vou estar lá fora, piando como coruja. *(imita o pio da coruja)*

ERÊNDIRA – Ninguém pode ir embora sem licença da avó.

ULISSES - Não diga nada para ela.

ERÊNDIRA – Não adianta. Mesmo que eu não diga, ela vai saber.

ULISSES - Quando ela começar a sonhar que você vai embora, nós já vamos estar longe. Vamos passar do jeito que os contrabandistas passam... *(faz pose com a pistola)* Amanhã vamos ver os navios passando.

*Do lado de fora, o cliente seguinte paga a Avó e mostra o documento.*

AVÓ – *(grita para dentro)* Tem mais gente na fila.

ERÊNDIRA – Agora vá senão vai ter de pagar mais cinquenta pesos na saída.

ULISSES - Não esqueça: *(pia como coruja)*

*Ulisses sai. Entra o outro cliente.*

### Cena 3

*Entram alguns índios. A Avó entrega um maço de dinheiro ao mais velho.*

AVÓ – Tá aqui. Conte bem contado que não quero índio reclamando no meu ouvido depois. *(o índio velho conta e reconta)* A vinte pesos por semana, menos oito da comida, menos três da água, menos cinquenta centavos muito bem contados das camisas novas, são oito e cinquenta. Certo?

ÍNDIO VELHO – Certo. Gracias, branca.

*O índio velho aperta o polegar no livro de contas da Avó. Os índios se afastam.*

*A Avó folheia o caderno preto grande, molhando os dedos na língua.*

*O maestro da banda se aproxima.*

AVÓ – *(para o Fotógrafo)* E a gente como é que fica? Você vai ou não vai pagar a quarta parte da música?

FOTÓGRAFO – Música não sai na fotografia.

AVÓ - Mas faz as pessoas ficarem com vontade de tirar retrato.

FOTÓGRAFO – Ao contrário. A música faz eles pensarem nos mortos e sai tudo de olho fechado nos retratos.

MAESTRO - O que faz eles fecharem os olhos não é a música, não. É o clarão de fotografar de noite.

FOTÓGRAFO – É a música.

AVÓ - Não seja miserável. Veja como o senador Onésimo Sánchez está sempre se dando bem. É por causa da banda de música que leva sempre com ele.

*A Avó pega o dinheiro e olha os documento do último cliente.*

AVÓ - *(grita para dentro da tenda)* O próximo está esperando aqui. É o último de hoje.  
*(para o Fotógrafo)* De forma que ou você paga a sua parte da banda, ou segue sozinho o seu destino. Não é justo que essa pobre criatura carregue nas costas o peso dos gastos todos.

FOTÓGRAFO – Pois então sigo sozinho o meu destino. Sou um artista.

*Sai um cliente, entra o último.*

*O Fotógrafo desmonta seu equipamento que coloca na bicicleta.*

AVÓ – *(sacudindo a cabeça e um maço de notas para o Maestro)* Duzentas e cinquenta e quatro músicas a cinquenta centavos cada uma, com trinta e duas a mais dos domingos e feriados a sessenta centavos cada uma, são cento e cinquenta e seis e vinte.

MAESTRO - Não. São cento e oitenta e dois e quarenta. As valsas são mais caras.

AVÓ - E por que isso?

MAESTRO - Porque são mais tristes.

AVÓ - Ora! Pegue isto aqui de uma vez e largue de ser comerciante. Afinal, você é artista ou não é? Esta semana você me toca duas peças alegres para cada valsa que eu te devo e estamos conversados.

MAESTRO - Mas...

*Confuso, ele aceita o dinheiro, sai contando as notas e é cercado pelos músicos. Saem.*

*Sopra o vento, a coruja pia.*

*Todos suspendem o que estão fazendo e se voltam para olhar: a Avó, o Fotógrafo, Erêndira, o cliente em cima dela.*

*Depois de um instante, todos retomam suas atividades.*

AVÓ – *(para o Fotógrafo)* Se quiser, pode ficar até amanhã. Parece que a morte hoje está solta.

FOTÓGRAFO – Não.

AVÓ - Fique, filho, nem que seja só pelo carinho que eu tenho por você.

FOTÓGRAFO – Posso até ficar, mas não pago a música.

AVÓ - Ah, assim também não.

FOTÓGRAFO – Está vendo? Você não gosta de ninguém!

AVÓ - Então vá de uma vez! Desgraçado! Filho da mãe. Não entende nada do coração dos outros. Sanguessuga! Safado!

*Sai o último cliente. O vento ruge.*

*Saem o cliente a pé e o Fotógrafo de bicicleta.*

Cena 4

*Os índios levam a Avó no trono para dentro.*

*Erêndira dobra os lençóis. A Avó a chama com um gesto, estende-lhe o leque.*

*Erêndira abana a Avó que começa a dormir quase imediatamente.*

AVÓ - Amanhã é dia de banho. Você tem de madrugar para fazer a infusão, antes que comece a fila.

ERÊNDIRA – Certo, Avó.

AVÓ - Com o tempo que sobra, lave a roupa suja dos índios, assim temos mais alguma coisa para descontar deles a semana que vem.

ERÊNDIRA – Lavo, Avó.

AVÓ - E ponha a comida do avestruz.

ERÊNDIRA – Ponho, Avó.

*A Avó está inteiramente adormecida.*

*Erêndira larga o leque e acende duas velas diante da arca dos Amadis.*

*A coruja pia, ela treme, derruba a vela. Torna a acender.*

AVÓ - Não esqueça de acender as velas para seu pai e seu avô.

ERÊNDIRA – Sim, Avó.

*A coruja pia.*

*Erêndira corre até a porta da tenda. Estaca e olha para trás, para a Avó adormecida.*

AVÓ - E veja também as...

*A coruja pia.*

*Erêndira corre mais alguns passos e estaca. Olha para trás.*

AVÓ - Não esqueça...

*A coruja pia.*

*Erêndira corre um pedaço maior e estaca. Olha para trás.*

AVÓ - Erêndira...

*A coruja pia.*

*Erêndira corre mais depressa que nunca. Sai.*

*Música. Mudança de luz.*

Cena 5

*Entra o Pai de Ulisses seguido de um Comandante e quatro soldados que levam alto o corpo ensangüentado do Fotógrafo.*

*Depositam o corpo aos pés da Avó e saem.*

COMANDANTE – É este o cúmplice?

AVÓ - É.

*Ela cai em prantos e despenca ao lado do corpo do Fotógrafo. Pega-o no colo.*

COMANDANTE – Pra que essa choradeira agora? Não foi a senhora mesmo que denunciou ele porque ajudou sua neta a fugir?

AVÓ - Não precisava matar. Por que fizeram isso?

COMANDANTE – Ah, dona, a senhora quer o quê também? Não dá pra pensar em tudo. A gente tinha acabado de avistar a caminhonete de frango do holandês aqui. Com o filho dele e a sua neta dentro, voando na poeira. Esse daí pedalando com a bicicleta atrás. Mandeí o praça dar alto, o praça gritou “Alto!”, uma vez, “Alto!” duas vez, o desgraçado esse, sei lá se não ouviu por causa do vento, se fingiu que não ouviu, não parou e ainda deu adeus com a mão, a gente correndo a toda velocidade pra não perder a caminhonete, o praça se apavorou, apertou o gatilho. Mas pode ficar sossegada que ele nem ouvir o disparo não ouviu, nem sabe de onde veio a bala: deu uma cambalhota pra frente e caiu em cima da bicicleta.

*A Avó chora alto.*

*Os soldados voltam trazendo Erêndira e Ulisses cabisbaixos e sujos.*

COMANDANTE – Só que tem uma coisa, dona. Não é só isso, não. O holandês pai do menino aqui quer que eu dou voz de prisão pra senhora e sua neta que enganaram o filho dele.

AVÓ - O que?! Como é que é? Esse moleque desse filho do demo é que tem de ir preso, isso sim! Sem respeito nenhum pelo empreendimento alheio. Seduzindo, enganando a minha neta com falsas promessas de amor, de liberdade, sei lá mais o quê! (*tira do seio um papel que desdobra*) Sabe o que é isso aqui? Sabe?

COMANDANTE – Como é que eu vou saber se não sei ler?

AVÓ - É uma carta de recomendação do senador Onésimo Sánchez! Está ouvindo? E se o senhor não tirar esses dois da minha frente imediatamente vão ter de se entender com ele. Um senador da República! Fora! Rua! Sumam das minhas vistas!

COMANDANTE – (*para o Pai*) O senhor ouviu. Contra a carta de um senador eu não posso fazer nada.

*Furioso, o Pai vai avançar para cima do Comandante, Ulisses o pega pelo braço.*

ULISSES - Pai! As laranjas!

*O Pai fica perdido, virando de um lado para o outro, roendo as unhas.*

*E sai, puxando pela mão Ulisses que vai embora olhando para trás, para Erêndira.*

*O Comandante e os soldados seguem atrás.*

AVÓ - Êh! O que é que eu faço com este aqui? (*aponta o corpo do Fotógrafo*)

COMANDANTE – Isso eu não sei, não, senhora.

AVÓ - Pois tratem de levar isto daqui que eu já tenho os meus mortos não preciso de mais nenhum.

*A uma ordem do Comandante, os soldados levantam o corpo e saem todos.*

AVÓ - E tratem de dar pra ele um enterro decente. Coitadinho! Não se pode nem denunciar uma coisinha que eles já vão matando. (*para Erêndira*) E a senhora, hein? (*grande chantagem*) Que ingratidão!

*Majestosa, a Avó vira as costas e entra na tenda. Confusa, Erêndira entra atrás.*

## Cena 6

*Arma-se um cenário de feira, “ressoando com numerosas músicas indecifráveis e pregões gritados formando um só estrondo de pânico no calor alucinante”.*

*Índios vendem coisas de comer e souvenirs. Passam Blacamán, o Bom, passa a Niñaraña, carregada sobre sua mesa, passa o Enviado da Vida Eterna, passam todos com seus discursos soando sobre as músicas, sobre os pregões.*

*Suspensas sobre a tenda, faixas de letreiros: ERÉNDIRA ES MEJOR. VAYA Y VUELVA, ERÉNDIRA LO ESPERA. ESTO NO ES VIDA SIN ERÉNDIRA.*

*A fila de homens diante da grande tenda não para de aumentar, os homens agitados, rindo, falando alto, com a Avó que os examina um a um.*

*Quando sai o cliente que estava com Erêndira, a Avó entra e senta-se no trono.*

*Repentinamente as luzes se apagam, tudo se imobiliza, faz-se um súbito silêncio.*

*Isolada no único foco de luz, Erêndira se ajoelha na cama, cruza os braços no peito.*

ERÉNDIRA – (“com toda a força de sua voz interior”) Ulisses.

*Do outro lado do espaço, acende-se uma área de luz, fria e azul como a luz da lua.*

*Ulisses se levanta depressa. Vai dar um passo, o Pai e a Mãe entram na luz.*

*Ulisses estaca.*

PAI - Pra onde vai?

ULISSES - Para o mundo.

PAI - Desta vez, não vou te impedir, mas ouça bem o que eu vou dizer: onde quer que você vá, vai ser perseguido pela maldição de seu pai.

ULISSES - Que seja! (*sai*)

PAI - Já-já ele volta, batido pela vida, mais depressa do que você imagina.

MÃE - Você é muito tapado. Não vai voltar nunca mais.

*Apaga-se a luz lunar.*

## Cena 7

*Ulisses caminha direto para o foco de Erêndira, passando pelas pessoas imobilizadas.*

*Ajoelha-se na cama diante dela. Ela continua de olhos fechados.*

ULISSES - Desta vez, não tive de perguntar a ninguém onde te encontrar. Atravessei o deserto escondido nos caminhões de carga, roubando para comer e para



dormir, roubando, muitas vezes, por puro prazer, até chegar nesta cidade de vidro, nesta cama de amor vendido e queria que nenhum de nós dois tivesse de acordar.

*Erêndira desperta. Os dois se abraçam, “se acariciam sem pressa, se desnudam até a fadiga, com uma ternura calada e uma felicidade recôndita que mais do que nunca parecem amor.”*

*“No outro extremo da tenda, a Avó adormecida dá uma volta monumental e começa a delirar.”*

AVÓ - Isso foi na época que chegou o barco grego. Uma tripulação de loucos que deixava as mulheres felizes e não pagava para elas com dinheiro. Não. Pagava com esponjas. Esponjas vivas que depois ficavam andando pela casa, gemendo como doentes de hospital, fazendo as crianças chorarem para beber suas lágrimas. *(alça o corpo, fica quase em pé)* Foi então que ele chegou, meu Deus, mais forte, maior, e muito mais homem que Amadis.

*Ulisses quer se esconder, Erêndira o tranqüiliza.*

ERÊNDIRA – Fique sossegado. Sempre que chega nessa parte ela levanta assim, mas não acorda.

AVÓ - Essa noite, eu estava cantando com os marinheiros. Pensei que fosse um tremor de terra. Todo mundo deve ter pensado a mesma coisa, porque fugiram gritando, morrendo de pressa, e só ele ficou debaixo do quiosque de astromélia.

*Só então os atores imóveis saem correndo, fugindo depressa na penumbra.*

*Num foco de contraluz, fica o fantasma de um pirata que vai se apagando devagar.*

AVÓ - Me lembro como se fosse ontem. Ele ali, com uma arara vermelha no ombro e um trabuco de matar canibais, e senti seu hálito de morte quando parou na minha frente e me disse: dei a volta ao mundo mais de mil vezes e vi todas as mulheres de todos os países, por isso tenho autoridade para dizer que você é a mais altiva e a mais mansa, e a mais bonita da terra. *(despenca no trono e cai em prantos saudosos)*

*“Ulisses e Erêndira ficam um longo tempo em silêncio, na penumbra embalada pela respiração descomunal da anciã adormecida.”*

ERÊNDIRA – Você teria coragem de matar ela?

ULISSES - Quem sabe. Você tem?

ERÊNDIRA – Eu não posso. É minha avó.

ULISSES - Por você, eu sou capaz de tudo.

*Música.*

*Black-out.*

### Cena 8

*Um bolo com muitas velinhas acesas desliza pelo escuro.*

*Repentinamente, a luz se acende.*

*Ulisses está com o bolo na mão, na porta da tenda. A Avó se sobressalta no trono.*

AVÓ - Descarado! Como tem coragem de por os pés nesta casa!

ULISSES - Vim pedir perdão. Hoje é dia do seu aniversário.

AVÓ - Hum... Não é. Mas um homem que consegue ser perdoado já merece metade do céu.

*Erêndira traz uma bandeja, pratos, talheres.*

*A Avó corta o bolo no meio, divide uma metade em duas.*

*Coloca um quarto do bolo num prato que estende para Ulisses.*

AVÓ - Pra você o primeiro pedaço, que é o da felicidade.

ULISSES - Não gosto de doce. Faça bom proveito.

*A Avó devora vorazmente o bolo de seu prato e do prato que deu a Ulisses.*

*Ao terminar, cantarola e dança, contente, sem dar nenhuma atenção aos dois jovens.*

*Em outra parte do espaço, acende-se devagar um foco mostrando em contraluz o fantasma do pirata.*

*Finalmente, deixa-se cair no trono e ronca, dormindo.*

ULISSES - Não entendo. O veneno que eu botei nesse bolo dava para acabar com uma geração inteira de ratos.

AVÓ – *(agita-se no trono)* Me deixou louca, meu Deus, me deixou louca! Eu punha trancas na porta para ele não entrar, encostava a penteadeira e a mesa na porta e punha as cadeiras em cima da mesa, mas bastava ele dar uma batidinha com o anel que as cadeiras desciam sozinhas da mesa, a mesa e a penteadeira se afastavam sozinhas, as trancas saíam das argolas por si mesmas. Eu achei que ia morrer, molhada de suor de medo, implorando por dentro para a porta abrir sem abrir, para ele entrar sem entrar, para que não fosse embora nunca, mas também não voltasse nunca mais, para eu não ter de matar.

ULISSES - Não entendo!

AVÓ - Eu avisei, mas ele riu de mim, avisei de novo e ele riu de novo, até que arregalou os olhos apavorados, e disse...

FANTASMA – Ay, rainha! Ay-ay, rainha!

AVÓ - ...e a voz dele não saía pela boca. Saía pela navalhada da garganta.

*A luz do foco do pirata vai ficando vermelha. E se apaga.*

ULISSES - Velha assassina!

ERÊNDIRA - Agora vá embora. Ela já vai acordar.

ULISSES - Está mais viva que um elefante! Não é possível!

ERÊNDIRA - Você não serve nem pra matar ninguém.

*Chocado com a dureza de Erêndira, Ulisses recua e sai correndo da tenda.*

*Música.*

Cena 9

*Erêndira fica olhando a Avó, enquanto muda a luz: amanhece.*

*A Avó desperta.*

AVÓ - Deus te guarde, filha. Que dia é hoje?

ERÊNDIRA – Terça-feira.

AVÓ - Não importa. Quero roupa de domingo. E hoje, se quiser, pode começar às onze. Ay, nunca tive tanta gana de tirar um retrato. Que lástima! Faz tempo que não toco piano. Me ajude.

*Erêndira ajuda a Avó a se deslocar até o piano. No meio do caminho, a coruja pia.*

AVÓ - Que estranha cidade é esta que a coruja pia durante o dia? Parece que tive um sonho, mas não me lembro mais.

*Senta-se e começa a tocar e cantar.*

*Erêndira vê um estopim saindo de dentro do piano.*

*Ela vai seguindo o estopim até fora da tenda e encontra Ulisses.*

ULISSES - Tape o ouvido.

*“Ambos o fazem, mas inutilmente, porque não há explosão. A tenda se ilumina por dentro com uma deflagração radiante, explode em silêncio e desaparece em uma nuvem de fumaça de pólvora molhada.”*

*Correria de índios com baldes e mantas que entram na fumaça.*

*A Avó sai da fumaça, toda chamuscada. Erêndira corre ao seu encontro.*

AVÓ - Parece coisa do maligno. Nenhum piano explode por acaso. Quem poderá ter sido?

ERÊNDIRA – Os guerrilheiros quem sabe.

AVÓ - Que guerrilheiros?! Aqui não tem guerrilha, tem só contrabandista.

ERÊNDIRA – Eles então.

AVÓ - E por que os contrabandistas haviam de querer me explodir?

ERÊNDIRA – Isso eu não sei dizer, não.

*Dois índios trazem o trono chamuscado.*

*Há um vai e vem de índios trazendo restos do incêndio de dentro da fumaça.*

ÍNDIO VELHO – Não sobrou nada, branca. Queimou tudo.

AVÓ - Hum. Acabo de lembrar do sonho: era um pavão real preso em uma rede branca.

ERÊNDIRA – É um bom sinal. Pavão em sonho é vida longa.

AVÓ - Deus te ouça, filha, porque estamos outra vez como no princípio. Você tem de começar a me pagar tudo de novo.

ERÊNDIRA – Sim, Avó.

*Ajuda a Avó a se sentar no trono.*

*Tira-lhe o colete com os lingotes de ouro, expõe as costas queimadas.*

*Pega uma bacia e se afasta.*

*Agacha-se no chão e começa a quebrar ovos, separando as gemas e as claras.  
Ulisses se aproxima, escondido.*

ERÊNDIRA – A única coisa que você conseguiu foi aumentar minha dívida.

*Ulisses solta um uivo. Caminha de um lado para outro, aflito.  
Os índios continuam trazendo coisas. Um deles coloca ao lado dos dois uma caixa.  
Ulisses pega de dentro dela uma faca.  
Olha para Erêndira, ela não desvia os olhos dos ovos.*

ERÊNDIRA – Tenha cuidado porque ela já teve um aviso da morte. Sonhou com um pavão preso numa rede branca.

*Ulisses avança e para atrás da Avó.  
“A Avó vê Ulisses entrar com a faca, e fazendo um supremo esforço se levantou sem a ajuda do báculo e levantou os braços.”*

AVÓ - Menino! Você ficou louco.

*“Ulisses salta em cima dela e dá-lhe uma facada certa no peito nu. A Avó solta um gemido, atira-se em cima dele e tenta estrangulá-lo com seus potentes braços de urso.”*

AVÓ - Filho da puta! Só agora estou percebendo que tem cara de anjo traidor.

*“Não consegue dizer mais nada porque Ulisses consegue libertar a mão com a faca e dá-lhe uma segunda facada nas costas. A Avó solta um gemido profundo e abraça com mais força o agressor. Ulisses acerta um terceiro golpe, sem piedade, e um jorro de sangue expulso com alta pressão lhe borriça a cara: um sangue oleoso, brilhante e verde, como o mel de menta.”*

*Erêndira “observa a luta com uma impassividade criminosa.”*

*“Grande, monolítica, grunhindo de dor e de raiva, a Avó se agarra ao corpo de Ulisses.”*

*Estão ambos cobertos de sangue verde.*

*Ulisses consegue libertar a mão e faz-lhe um talho no ventre.*

*“A Avó tenta encontrar o ar que já lhe falta para viver e cai de bruços.”*

*Ulisses monta em cima dela e dá-lhe a facada final. Cai deitado a seu lado, exausto.*

*Erêndira “inclina-se sobre a Avó e a examina sem tocá-la, e quando se convence que está morta seu rosto assume de repente toda a maturidade de adulto que os seus vinte anos de infortúnio não lhe deram. Com movimentos rápidos e precisos, pega o colete de ouro” e sai correndo.*

*Ulisses senta-se no chão.*

ULISSES – *(chama) Erêndira. (levanta-se com esforço, chama mais alto) Erêndira!*

*Erêndira corre para todas as direções.*

*Ulisses corre em direções opostas às dela, sempre chamando.*

*Por fim, ele cai de quatro, chorando e chamando por ela como uma criança.*

*As luzes vão se apagando em resistência.*

*Erêndira fica iluminada, correndo sem sair do lugar diante de uma cortina que se agita e que o efeito de luzes faz parecer uma paisagem passando por ela.*

*Ela corre, corre, corre... sem destino.*

FIM

São Paulo, março de 1999